

# A SOLIDÃO DO GETSEMANI

- A solidão na sua extrema densidade
- Permanecei aqui e vigiai comigo
- O combate angustiado
- Seja feita a Vossa Vontade

## 1. O paradoxo e a história

Com a consideração da agonia do Getsémani, o nosso itinerário atinge um momento de particular densidade. É aqui que o paradoxo que já anteriormente considerámos, tendo acompanhado toda a vida de Jesus, se revela mais agudo, atingindo de certa forma o seu ponto culminante: na hora derradeira, e apesar de ter expressamente desejado a presença dos seus, Jesus será por eles abandonado, e desde logo a partir do Jardim das Oliveiras. Mas, por outra parte, que poderiam eles fazer, nesse momento em que o Unigénito de Deus iria ser entregue à morte por todos os homens?

As narrativas da oração de Jesus no Getsémani (Mt 26, 36-46; Mc 14, 32-42; Lc 22, 40-46), não obstante a orientação própria de cada evangelista, são todas elas percorridas por esta dialética de presença e ausência que tem os apóstolos como protagonistas.

Não obstante, mais importante do que tudo isto nos parece ainda o facto de que é a presença desses homens. Aqui, Jesus procura a solidão para se dedicar á oração, é verdade, porque tudo se decide exclusivamente na sua relação com o Pai. Mas procura também a companhia dos seus discípulos, segundo o dinamismo da partilha que com eles instituíra, e acabara de se consumir na Eucaristia, a qual, porém, ficará agora inteiramente por realizar. Vai para o Jardim das Oliveiras para estar a sós com o Pai, mas experimentará também a solidão do abandono por parte daqueles mesmos que quis levar consigo.

É esta presença dos discípulos na agonia do Jardim das Oliveiras que, por contraste, nos faz ver até ao fundo a inconcebível extensão dessa agonia, a sua abissal profundidade. A angustiada luta de Jesus esteve, pois, de algum modo e por pouco tempo que fosse, ao seu alcance, e apesar disso não puderem ou não quiseram vigiar com Jesus.

Mais tarde, um ou outro daqueles que Jesus tomou consigo transmitiria à comunidade cristã o testemunho desse episódio singular em que o seu

Senhor abraçou humanamente de modo tão dramático, mas ao mesmo tempo com completo assentimento, a vontade do Pai, sem que, porém, da parte dos seus, tivesse podido contar com a mais remota solidariedade. E não é de excluir que o facto mesmo do sono dos apóstolos possa ter sido literariamente sublinhado nos relatos da cena da Agonia, para pôr ainda mais de manifesto a sua radical incapacidade de estar e lutar com Jesus nesse momento decisivo.

## 2. «Permaneçei aqui e vigiai comigo»

O episódio do Jardim das Oliveiras pode ser considerado de dois pontos de vista diversos, de importância desigual, mas ambos merecedores de atenta análise: a relação de Jesus com o Pai e a sua relação com os discípulos.

Segundo o relato dos Sinópticos Jesus foi acompanhado pelos seus discípulos, de quem, todavia, logo se separa, para se entregar à oração: «Sentai-vos aqui, enquanto vou rezar» (Mc 14,32). Este movimento de separação, que é, como vimos, uma característica marcante da oração de Jesus, aparece atenuado, em certa medida, pelo facto de levar consigo Pedro, Tiago e João, a quem revela a angústia e a tristeza que lhe encham a alma, e a quem, por isso, recomenda: «Permaneçei aqui e vigiai» (Mc 14, 34). Mas esta maior proximidade não anula a distinção, pois mesmo destes Jesus se afasta «avançando um pouco», (Mt 26,39; Mc 14,35), para mergulhar intensamente no diálogo com o Pai.

Reaparece o paradoxo a que frequentemente nos temos referido, e que, neste momento inicial, poderá ser formulado da seguinte forma: Jesus faz-se acompanhar pelos seus discípulos, e, no entanto, de forma mais ou menos acentuada, não pode deixar de separar-se deles, a fim de ficar só. Este facto, que não tem em si nada de insólito, pois se repetiu em muitas outras ocasiões, parece agora estar envolvido por um particular dramatismo.

Jesus separa-se a custo (arranca-se) dos seus, porque não pode, absolutamente, deixar de ficar só, mas este afastamento, exigido pelo mistério do seu ser e pela missão que lhe cabia desempenhar, é-lhe profundamente doloroso.

É agora o momento de considerar se essa solidão necessária exclui alguma forma de participação ou se subsiste alguma possibilidade de tornar parte no que, por natureza, é um caminho solitário. A esta pergunta julgamos que responde a própria cena da agonia no seu

conjunto e, em particular, o convite que, logo no início, Jesus dirige a Pedro, Tiago e João, segundo a versão de S. Mateus: «Permaneeci aqui e vigiai comigo» (Mt 26,38).

Uma tal expressão possui certamente, em primeiro lugar, uma grande densidade humana, e, por si só, é já uma resposta à solidão essencial que caracteriza todo o homem. É possível uma certa forma de participação: é o estar com, o estar com o outro, ainda o seu mistério individual seja irresolúvel e a sua missão intransmissível. Não se penetra naquilo que, por definição, é impenetrável, mas faz-se próprio o que era apenas alheio. Estar com é viver com. Significa que assumo e vivo em mim, de maneira pessoal, aquilo mesmo que o outro vive em si, de maneira também estritamente pessoal.

Na expressão do Evangelho manifesta-se, pois, por um lado, o carácter singular e a incomunicabilidade da experiência de Jesus; mas, por outro lado, afirma-se que existe um modo de a partilhar, que parece ser o único e ao mesmo tempo o mais elevado possível: «vigiai comigo».

Em segundo lugar, nesta mesma expressão pode reconhecer-se também uma dimensão eclesial: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles» (Mt 18, 20).

Deve observar-se que não há, na cena da agonia, nenhuma referência ao demónio, mas nem por isso o perigo da tentação é aí menos fortemente sublinhado. A conclusão da narrativa das tentações do deserto já a pressagiava: «Esgotada toda a espécie de tentação, o diabo afastou-se dele até ao tempo marcado» (4, 13). Esse tempo parece agora ter chegado, mas o perigo maior recairá sobre os discípulos, e daí esta advertência que abre o episódio do monte das Oliveiras: «Orai, para não entrardes em tentação» (22, 40).

Não parece necessário examinar aqui o tema da tentação (12); bastará sublinhar que o correlato da tentação é sempre a separação: de Deus, da sua vontade, da missão por Ele confiada. Já no deserto, o Tentador não visava outro objetivo senão separar Jesus da verdade da sua missão messiânica. Agora, «no início da Paixão, fará um esforço supremo para afastar Cristo da mesma via messiânica que o conduzirá ao sacrifício da sua vida pela multidão pecadora».

Mas Jesus vigia e ora, e por isso não entra em tentação (ou, mais exatamente, na tentação), isto é, não se separa por um só instante do Pai e da sua vontade. Portanto, o que Jesus pede aos discípulos, desde o início, não é apenas que estejam, mas que vigiem com Ele, isto é, que

Ó acompanhem na sua agonia, nessa luta dramática que tem como único objetivo a plena identificação com a vontade do Pai. Não se trata, pois, de uma simples solidariedade humana, que já seria relevante, mas de uma solidariedade sobrenatural, cuja expressão mais perfeita consistiria na oração.

Por isso uma tal vigilância surge, humildemente, como objeto de um pedido: «A minha alma está numa tristeza de morte. Permanecei aqui e vigiai comigo; (Mt 26, 38). Mas nem mesmo este pedido receberá correspondência, e Jesus ficará só. Em vez da oração vigilante, os discípulos deixam-se vencer pelo sono, e assim Jesus encontrar-se-á, por parte dos homens, rodeado de uma atroz solidão. Como comenta Pascal: «Jesus procura alguma consolação pelo menos nos seus três mais queridos amigos, e eles dormem; pede-lhes que se conservem um pouco com Ele, e eles deixam-no com uma inteira negligência, tendo tão pouca compaixão, que esta nem sequer os impede de dormir um momento» (p. 208).

Esta solidão de Jesus, motivada pela incompreensão e pela insensibilidade dos discípulos, é ainda posta em evidência, em Mateus e Marcos, pelas três visitas que Jesus faz a Pedro, Tiago e João (Mt 26, 40.43.45; Mc 14, 37.40-41), o que sublinha a proximidade que os unia, mas também a distância que os separava e que, de facto, não viria a ser transposta. Nestas deslocações de Jesus pode ver-se também a intensidade da sua oração e do seu sofrimento, mas, principalmente, o seu efetivo desejo de ser, naquela hora, acompanhado por aqueles que escolhera. Jesus procurava a sua solidariedade, contava com a sua oração, pedira a sua vigilância, e tal é manifesto desde o primeiro instante da agonia.

Mais adiante, a seguir a uma censura repassada de tristeza (Mt 26, 40; Mc 14, 37), o convite inicial à vigilância não deixará de ser vivamente reiterado: «vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca» (Mt 26, 41; Mc 14, 38). Mas esta exortação distingue-se agora nitidamente da primeira, enquanto realça, não já o interesse pessoal de Jesus na vigilância dos discípulos - «vigiai comigo» - mas antes a sua premente necessidade para os próprios discípulos, de modo a conservarem-se unidos a Jesus. É verdade, como observámos, que Jesus desejou e pediu a vigilância dos discípulos, mas, mesmo sem ela, isto é, completamente sozinho, cumprirá até ao fim a vontade do Pai. Aqueles, pelo contrário, se não se mantivessem vigilantes mediante a oração, expunham-se ao risco de ceder à tentação.

E ceder à tentação seria, dissemo-lo já, o mesmo que incorrer na separação - que foi o que efetivamente aconteceu. Por isso, para o próprio Jesus foi muito claro, a dado momento, que já nada tinha a esperar dos seus amigos.

Quando se dirigiu ao seu encontro pela segunda vez, e de novo os encontrou adormecidos (Mt 26, 43; Mc 14, 40), já não os despertou, nem voltou a exortá-los à oração, mas, «deixando-os, afastou-se e orou pela terceira vez» (Mt 26, 44). Era-lhe agora perfeitamente manifesto que a vontade do Pai passava também por uma completa solidão humana. Se tratava, apenas de aceitá-la livre e conscientemente. E de facto, a partir desse momento, também a sua solidão é perfeitamente voluntária.

Daí também a última palavra que Jesus lhes dirige imediatamente antes da chegada do traidor e daqueles que vinham para O prender: «Dormi agora e descansai!... » (Mt 26, 45; Mc 14, 41). Não se trata de ironia, que aqui estaria completamente deslocada, mas somente da definitiva atestação de que os discípulos recusaram a oportunidade de se associarem ao destino do Mestre. Não vigiaram nem rezaram com Jesus, caíram em tentação, separam-se dele. Poderão dormir agora, se quiserem: Jesus já não conta com eles.

Não obstante, tudo o que virá a seguir-se, desde a prisão até ao próprio momento da morte, constituirá ainda uma prova longa e terrível, em que permanece o risco de voltar a sucumbir, mas em que subsiste também a possibilidade de lutar e de vencer.

Jesus entra na agonia do Horto acompanhado pelos seus apóstolos, e por três de entre eles de maneira especial. Pede-lhes que permaneçam vigilantes, tanto em sentido físico como em sentido espiritual, mas não obterá nem uma coisa nem outra. O sono dos apóstolos, mesmo tendo a sua origem na tristeza (Lc 22, 45), a qual tanto pode provocar insónias como induzir ao torpor e à abulia, tornará patente a sua incapacidade de vigiar e estar com Jesus, que por isso mesmo se encontrará completamente só. Este facto é portador de um sofrimento humano de inconcebível intensidade, mas é também importante para a história da salvação porque, agora na sua expressão culminante, Jesus Cristo está só, porque é Único.

O mesmo é dizer que a solidão de Jesus no Getsémani não é uma circunstância ocasional, que a debilidade dos apóstolos facilmente poderia explicar, mas sim uma manifestação muito profunda do seu

mistério e da sua missão. Jesus «aparece assim, segundo o contexto, como o Resto de Israel. (...) Ele só é o Israel personificado no Servo sofredor. Ele só é o Povo dos Santos, o Filho do homem que, depois da prova, receberá o Reino».

Na solidão do Horto, abandonado pelos discípulos, Jesus Cristo revela-se, pois, como o único Salvador. Jesus, enquanto os discípulos dormiam, operou a salvação deles. Mas também não é a solidão, por si só, que O faz Salvador. Jesus merece a salvação também para aqueles que dormem, porque, abandonado pelos homens, não se afasta da comunhão com o Pai. É desta relação de Jesus com seu Pai que devemos agora aproximar-nos porque só ela nos permite conhecer por dentro a agonia do Horto.

### 3. Combate angustiado

Deve observar-se, todavia, que as próprias circunstâncias externas e internas em que esse diálogo se desenrolou não têm paralelo em toda a vida de Jesus, e por isso não podemos deixar de as salientar, sublinhando os dados exegéticos essenciais.

Uma vez chegado ao Jardim das Oliveiras, Jesus «começou a encher-se de pavor e a angustiar-se» (Mc 14, 33); «a entristecer-se e a angustiar-se» (Mt 26, 37). Simultaneamente, Jesus enche-se de tristeza e declara aos três discípulos: «A minha alma está triste até à morte» (Mt 26,38; Mc 14,34). Jesus encontrava-se profundamente triste, mergulhado em tristeza ao mais alto grau, uma tristeza mortal.

Prosseguindo a descrição, Marcos observa: «E tendo avançado um pouco, caía por terra, e rezava» (Mc 14,35). Tudo indica que deve ver-se aqui não apenas um intenso gesto de oração, mas também o sinal de uma grande aflição, que acabrunhava Jesus e O privava das próprias forças físicas, derrubando-O por terra.

O jardim das Oliveiras foi, portanto, o cenário de uma angustiosa luta que Jesus travou, e sem qualquer apoio humano, isto é, completamente só, como vimos. Qual o conteúdo dessa luta, qual o seu objeto? Procuraremos responder a estas perguntas num momento posterior. Para já, interessa-nos saber qual possa ser o motivo dessa angústia, e de que maneira ela é compatível com o que conhecemos de Jesus e das suas relações com o Pai.

É o próprio abandono dos discípulos que permite discernir que os dois grandes atores da história da Paixão são Jesus Cristo e seu Pai. Em todo o processo que se seguirá à prisão e terminará no Calvário, intervirão inúmeras personagens, de desigual importância e muito diversa participação, mas o seu papel será apenas secundário, pois tudo se resolve entre o Pai e o Filho.

Todo o tempo da vida terrena de Jesus Cristo, na perspectiva das suas relações com o Pai, pode ser adequadamente definido por esta afirmação que se lê no Evangelho de S. João: «Aquele que me enviou está comigo: não me deixou só, porque Eu faço o que é do seu agrado» (Jo 8, 29). É a serena certeza de nunca estar só, que transparece em todos os atos e em todas as palavras de Jesus, mas que pode ainda exprimir-se noutros termos, embora com idêntico conteúdo, como por ocasião do milagre da ressurreição do Lázaro: «Eu bem sabia que sempre me ouves» (Jo 11, 42).

No contexto do Discurso da Ceia, esta convicção aparece mais vigorosa do que nunca, o que é tanto mais digno de realce, quanto o futuro abandono dos discípulos é então claramente anunciado: «Eis que vai chegar a hora e já chegou - em que vos dispersareis cada um para seu lado, e me deixareis só, se bem que não estou só, porque o Pai está comigo» (Jo 16,32).

Agora, porém, ao entrar no Jardim das Oliveiras, Jesus parece vacilar na inabalável firmeza que caracterizou todas as outras circunstâncias da sua vida. Jesus procura companhia e alívio da parte dos homens. Isto é um facto único em toda a sua vida.

É certo que a explicação última para este procedimento deve procurar-se no dinamismo da partilha que Jesus desejava estabelecer com os seus discípulos, conforme considerámos no capítulo anterior. Não obstante, para além dessa disposição fundamental, o episódio do Jardim das Oliveiras encontra-se marcado por um dramatismo que o Evangelho até então nunca registara e que, tendo a sua sede na alma de Cristo, influencia marcadamente a sua relação com os apóstolos: «Começou a entristecer-se e a angustiar-se. Diz-lhes então: A minha alma está triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo» (Mt 26, 37-38). Dir-se-ia que a angústia e a tristeza que obscurecem a alma de Jesus constituem aqui a circunstância determinante que O impele a procurar nos apóstolos aquela solidariedade humana e sobrenatural de que necessitava e que, no entanto, como sabemos, não viria a receber.

Mas como justificar esse pavor, essa angústia, essa profunda tristeza, essa súbita fragilidade que os relatos evangélicos nos fazem ver em Cristo, em toda a sua crueza? Inúmeras explicações têm sido aduzidas ao longo dos tempos, e a algumas delas nos referiremos mais adiante. Julgamos, porém, que a de todas mais conforme com os dados bíblicos e as formulações dogmáticas, é a que se vislumbra, ainda que só veladamente, neste pensamento de Pascal: «Jesus sofre esta dor e este abandono no horror da noite» (30) - isto é, na privação do sentimento da presença de seu Pai.

Não quer isto dizer que tenha havido separação real entre o Pai e o Filho, ou que o Pai tenha de facto deixado Jesus só, mas sim que Jesus deixou de possuir e experimentar, humanamente, o sentimento da presença do Pai, no preciso momento em que chegava a hora da plena consumação do desígnio salvífico. Tal é o «horror da noite» em que Jesus penetra, ao penetrar no Getsémani: como se o Pai se tivesse retirado e O tivesse deixado só; como se - sem que nada o fizesse prever - o rosto do Pai já não fosse perceptível aos seus olhos; ou como se a sua voz tivesse deixado de ressoar-lhe no íntimo, ao contrário do que sempre acontecera até então. Era a solidão mais imprevisível e também mais dolorosa, e nada neste mundo a poderia preencher. «Na hora do Getsémani, Jesus não se encontraria imerso numa tristeza tão absoluta, se captasse ainda sensivelmente a presença beatífica do Pai. É possível que O sentimento dessa presença lhe tenha inopinadamente faltado: a alegria deu lugar a um grande vazio, a um abismo, pois o próprio Pai parece abandoná-lo».

O Pai parece ter desaparecido, e assim toda a alegria cessou. E como uma passagem inesperada da plenitude ao nada: Cristo suporta nesse momento uma terrível solidão, que até então nunca experimentara.

Privado de todo o acesso à Luz transcendente, à segurança e sobretudo à serena consolação que dela provinham, Jesus continua unido ao Pai, podemos dizer, mais do que nunca - como comprova o clamor da sua oração - mas isso não o impede de se encontrar nesse momento na mais espessa escuridão, e daí a angústia terrível e a tristeza de morte que sobre Ele pesadamente se abatem.

Mas devemos ainda perguntar: porquê? Porquê esta experiência da ausência de Deus Pai, porquê esta dolorosa solidão, à qual nenhuma presença humana poderia, nem de direito nem de facto, obviar?



Qualquer tentativa de resposta a estas perguntas deverá começar por ter em conta o sentido fundamental da Encarnação. Segundo S. Leão Magno, o Verbo desceu à terra e fez-se homem, «para assumir não só a substância, mas também a condição da natureza pecadora. O mesmo é dizer que, para salvar o homem, Jesus Cristo veio «experimental» por dentro a condição humana, veio descer até ao fundo da nossa tragédia, veio assumir toda a espessura das nossas misérias e angústias: «Nós não temos um Sumo Sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois Ele mesmo foi provado em tudo à nossa semelhança, exceto no pecado» (Heb 4,15)

Veio, numa palavra, sofrer todo o sofrimento humano. Suportou dores de toda a espécie, quer de ordem física, quer de ordem moral. Entre os sofrimentos morais não houve apenas os ultrajes, as falsas acusações e o desprezo dos inimigos, ao lado da desilusão pela vileza dos discípulos; houve também a misteriosa aflição experimentada no íntimo da alma por causa do abandono do Pai. O sofrimento invadiu e envolveu todo o ser humano do Filho incarnado.

E, se foi deste modo que Jesus Cristo assumiu o homem todo para o curar inteiramente, deve dizer-se que a sua missão era, não de abolir a tragédia humana, mas de lhe deixar livre curso e de a santificar. Jesus, que entra na água do batismo para a santificar, entra no sofrimento humano para o tornar lugar de salvação.

Que dizer, porém, não já do sofrimento enquanto tal, mas da própria situação pecadora do homem? De que maneira poderia Jesus Cristo, que não conheceu o pecado, assumir na sua realidade histórica e concreta a condição do homem, não apenas sofredor, mas também pecador?

Julgamos que na resposta a esta pergunta se descobre o sentido profundo do drama do Getsémani. Se o pecado consiste, como assinalámos, no isolamento voluntário em relação a Deus por parte do homem, que deste modo mergulha na mais terrível de todas as solidões, a obra redentora deveria consistir em penetrar na treva densa dessa mesma solidão, para a preencher a partir de dentro com um gesto de comunhão levado até ao extremo. E este o segredo mais íntimo da agonia do Jardim das Oliveiras: sem cometer o pecado, Jesus viria a carregar sobre si a solidão do pecado, que outra coisa não é, em última análise, senão a experiência voluntária da ausência de Deus. Ao contrário, porém, do pecador, que opta pela ausência e interrompe a comunhão, Jesus suporta os pecados do mundo para, no coração mesmo da ausência, implantar a comunhão. Por outro lado, em contraste com a

liberdade suicida do pecador, será em resultado de uma decisão plenamente livre e voluntária, que Jesus tomará sobre si, no Getsémani, todo o peso de solidão dos pecados dos homens.

A razão de ser da experiência da ausência de Deus Pai que caracteriza a agonia do Horto e recrudescerá no Calvário, deve, portanto, ser procurada nesta ilimitada solidariedade salvífica de Cristo para com a humanidade pecadora e sofredora. A agonia de Jesus não poderá, pois, de modo nenhum, ser considerada como uma simples prova pessoal, mas «acima de tudo como uma prova messiânica, que faz de Cristo a vítima voluntária pelos pecados da humanidade».

Assumindo sobre si o peso dos pecados dos homens, Jesus Cristo sentirá, ao chegar a Hora, a dor, maior que todas, do distanciamento do Pai. Deve observar-se, contudo, que não poderá sentir esta separação de Deus da mesma maneira que a sente um pecador. Pelo contrário, Jesus continua inocente, o seu ser está indissolivelmente unido ao Pai, e a sua vontade permanece em plena harmonia com a vontade paterna. Não pode, pois, encontrar-se sob o domínio da contradição íntima que constitui o tormento do homem em estado de pecado: contradição entre a tendência fundamental do ser humano orientado para Deus e a vontade que se recusa a amá-lo. Cristo não podia sofrer por esta contradição. Mas chegou até ao ponto de assumir a dor da privação da presença divina e do ofuscamento completo da alma.

E fê-lo para conhecer e superar, no amor, a prisão impenetrável, a muralha intransponível da nossa solidão. Experimentou a prova extrema da recusa, sem Ele próprio a cometer; sem cometer o pecado, carregou sobre si, como o Servo anunciado em Isaías (Is 53,4-6), todo o pecado, na exata medida em que este, levado até às suas últimas consequências, mergulha o homem num abismo de solidão irreparável. Inteiramente só, conheceu a angústia e o pavor que os pecadores deveriam normalmente experimentar - sem, contudo, interromper o diálogo filial que caracteriza o seu ser e a sua missão.

Privado, porém, de todas as luzes e de todas as consolações de que antes gozara, Jesus encontrou-se situado diante da vontade do Pai no mais completo despojamento. Como correspondeu a essa vontade, de que modo a ratificou e abraçou? É o que deve ocupar, em seguida, a nossa atenção.

#### 4 Jesus e a vontade do Pai

Acabamos de ver de que modo, no Jardim das Oliveiras, Jesus suporta sobre si a solidão dos pecadores. Mas dizer isto não é ainda dizer tudo, antes o mais importante fica em grande parte por dizer: se a solitária angústia do Getsémani contém já em si a salvação do género humano, é porque essa solidão é intimamente preenchida pela perfeita identificação de Jesus Cristo com a vontade de Deus. Em vista disso que o jardim das Oliveiras não é apenas solidão, é também agonia, é verdadeira luta, que tem por objeto único a adesão à vontade do Pai, na exclusão de qualquer outra possibilidade e de qualquer outra perspectiva.

E essa luta não revestirá outra modalidade senão a da oração, como os três relatos evangélicos unanimemente nos atestam (Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42).

Interessar-nos-á considerar de maneira especial a apresentação de 5. Marcos: «E dizia: Abba! Ó Pai! Tudo te é possível: afasta de mim este cálice; todavia, não o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14, 36).

Desta incomparável oração, ressalta em primeiro lugar o seu carácter profundamente filial, determinado pela invocação que a inicia: «Abba! Ó Pai!». Este dado, por si só, insere harmoniosamente o episódio do Getsémani na orientação filial de toda a vida de Jesus e em particular da sua oração. Jesus utilizava a palavra Pai para se dirigir a Deus. A uma única exceção é o Seu grito na cruz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15, 34). Neste último caso, porém, a invocação «Meu Deus» estava traçado de antemão pelo texto do salmo 22/21.

A utilização de «Abba» por parte de Jesus aparece marcada por uma absoluta novidade: não há lugar nenhum da literatura hebraica onde se encontre, nas formas de oração, a invocação de Deus como «Abba», nem mesmo nas orações privadas ou domésticas. Jesus, pelo contrário, chamou-Lhe sempre assim (excetuado o grito da cruz já acima referido). À comunidade cristã proveniente do judaísmo não ocorreria nunca a ideia de atribuir a Jesus uma tal maneira de se dirigir a Deus. E este é mais um argumento, que não deve desprezar-se, em favor da autenticidade histórica essencial e do carácter testemunhal dos relatos da agonia do Jardim das Oliveiras.

Mais do que em nenhum outro momento, ao escutarmos a invocação: Abba, é como se ouvíssemos Jesus falar ainda hoje com a sua própria voz, é como se fôssemos testemunhas presenciais da sua oração. Para além, todavia, desta consideração de ordem histórica, o tratamento de

Deus como Abba por parte de Jesus, a familiaridade, a simplicidade e o carinho que nele se continham - e que precisamente vedavam à piedade vetero-testamentária a sua utilização, tanto comunitária como pessoal - desvendam-nos o segredo íntimo da sua relação com Deus. Prolongando a imagem anterior, é como se tocássemos com as nossas próprias mãos a consciência que Jesus tinha de ser o Filho de Deus, no sentido estrito da palavra, é como se presenciássemos, por esse facto mesmo, a revelação do mistério trinitário, a qual tem na relação de Jesus com Deus-Abba o seu primeiro e mais eloquente anúncio.

A maneira como Jesus se dirige ao Pai no Getsémani, aquele Abba que os apóstolos escutaram e o evangelista pela primeira vez registou na sua formulação original, não constituem novidade relativamente à orientação constante da oração de Jesus, mas - o que é muito importante - confirmam plenamente essa orientação, numa circunstância singularíssima da vida de Jesus. Ou seja: apesar da experiência do abandono, apesar da solidão em que subitamente se viu envolvido, apesar de lhe ter faltado o próprio sentimento da presença do Pai, Jesus continua a dizer: Abba, fiel, mesmo na obscuridade, ao mistério profundo do seu ser.

Poderíamos dizer que, por este facto mesmo, a solidão já está vencida, e não uma solidão qualquer, não apenas um simples sentimento ou uma solidão ocasional, mas, mais do que todas, essa solidão que é consequência do pecado, e que Jesus sem conhecer o pecado, veio a conhecer também.

Que sentido poderá ter, pois, a sequência da oração de Jesus: «Abba! Ó Pai! Tudo te é possível: afasta de mim este cálice; todavia, não o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14, 36)?

Não há unanimidade, entre os comentadores, a respeito do significado do «cálice» que Jesus gostaria, se fosse da vontade do Pai, de ver afastado de junto de si. A interpretação mais comum da atitude de Jesus e da sua oração no Getsémani é a que se sintetiza neste comentário da Bíblia de Jerusalém a Mt 26, 39 e Lc 22, 42: «Jesus sente em toda a sua força o pavor que a morte inspira ao homem; experimenta e exprime o desejo natural de escapar dela, embora o reprima pela aceitação da vontade de seu Pai». Por outras palavras, Jesus tem diante de si uma prova tremenda, que culminará numa morte ignominiosa; essa perspectiva enche-O de ansiedade e angústia, e por isso pede ao Pai que, se possível, esse transe lhe seja poupado.

Por tudo o que considerámos até agora, não cremos, porém, que esta explicação, embora muito generalizada, seja adequada à realidade, ou mais exatamente, ao mistério que temos diante de nós. Julgamos, pelo contrário, que o cálice que Jesus Cristo desejaria não beber, não deve referir-se principalmente à própria morte, ou pelo menos à morte enquanto tal, uma vez que, em toda a Bíblia, a imagem do cálice sem aliás se referir necessariamente à morte - designa sempre determinados sofrimentos queridos por Deus como reparação pelo pecado. Por outro lado, Jesus não podia, sem se contradizer, pedir ao Pai que O preservasse da morte, uma vez que, por antecipação, o sacrifício da Cruz já se tornara sacramentalmente presente na última Ceia, sob as aparências do pão e do vinho.

Qual é, pois, o sofrimento contido no cálice, realmente distinto da morte, que a Jesus particularmente repugna e do qual, se possível, pede para ser poupado?

Pensamos que O cálice designa, na oração de Jesus, a privação da experiência sensível da presença do Pai, isto é, o sentimento subjetivo de ausência e mesmo de abandono por parte do Pai, que caracteriza a agonia do Getsémani e envolverá também a própria Cruz. O cálice era essa solidão, esse abandono, esse silêncio paterno, cuja perspectiva, muito mais do que tudo o que significaria ser «entregue nas mãos dos pecadores», apavorava Jesus e O fazia sofrer terrivelmente.

A verdade, porém, é que esta solidão não era absolutamente «necessária»: Jesus poderia ter morrido na posse da luz clara da visão, contemplando em todo o seu esplendor o rosto do Pai, ou pelo menos com a tranquilidade e a segurança dos mártires, e nem por isso uma tal morte seria menos redentora, nem sequer a solidão da condição humana deixaria de ser assumida porque mesmo a morte mais serena é sempre solitária. Portanto, Jesus podia pedir, como de facto fez, que o cálice fosse afastado, sem com isso contrariar a entrega de si mesmo na morte - que tantas vezes anunciara e cujo memorial já instituía e sem se opor, nem sequer minimamente, ao desígnio salvífico de Deus que O fizera chegar àquela Hora.

Mas a vontade do Pai passava também por aqui, e Jesus entende-o claramente no termo da sua oração. Manifestara-se desde o início disposto a obedecer («não o que Eu quero, mas o que Tu queres»), e é disso que agora se trata: obedecer porque sim, obedecer porque é a vontade do Pai, obedecer exclusivamente por amor. Tudo se reduz à delicada e rendida preferência da vontade do Pai, amada por si mesma.

Di-lo-á, afinal, o próprio Jesus, como se lê no IV Evangelho: «O cálice que o Pai me deu, não havia de bebê-lo?» (Jo 18,11).